

EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS EM CODÓ: A MULHER NESSE CONTEXTO

Raimunda Nonata dos Santos Ferreira¹ – raymundaferreira@gmail.com

Franciele Vieira Cunha² – francielevcunha@hotmail.com

Sandra Regina Gomes Bonfim³ – sandraregbomfim@gmail.com

Luís Henrique Serra⁴ – luis.ufma@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar um recorte de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa – GIELP/UFMA/CNPq, no projeto “A comunidade vai à Universidade”, que tem como objetivo a realização de pesquisas e atividades de extensão relacionadas à alfabetização, voltadas ao público da Educação de Jovens e Adultos – EJA. A pesquisa tem recebido financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. A EJA, muitas vezes, é pensada entendida como uma educação vazia de conhecimento e sem subsídios para impulsionar a continuidade de estudo, no entanto, ela deve ser pensada e entendida, como uma forma de enfrentamento a uma sociedade opressora de direitos e multiplicadora de desigualdades, quando se trata da mulher, essa problemática ganha contornos mais sérios, há relatos de que as mulheres abundaram a escola por conta dos filhos e muitas das vezes por causa do marido. Nossos estudos se baseiam em Freire (2006), Almeida (2013), Santanna (2010).

PALAVRAS-CHAVES: Educação de Jovens e Adultos. Mulheres na Escola. Educação de Liberdade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar relatos de experiências de mulheres estudantes da modalidade Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), no município de Codó, Maranhão, no período noturno, assim como problematizar as dificuldades quando essas mulheres buscam retornar para o ambiente da escola. A pesquisa se soma às pesquisas realizadas pelo Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa – GIELP/UFMA/CNPq, que, atualmente, tem realizado o projeto “A comunidade vai à Universidade”, que tem como objetivo a realização de pesquisas e atividades de extensão relacionadas à alfabetização, voltadas ao público da EJAI. A pesquisa tem recebido financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

Entendemos que a EJA é uma das muitas possibilidades de aprendizagem para o desenvolvimento da cidadania crítica; no entanto, a modalidade caba sendo desprestigiada frente a outros âmbitos da Educação por atender ao um público que, em sua maioria, é de

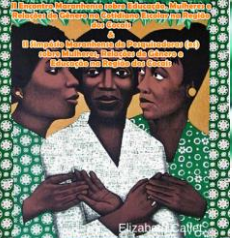
(...) trabalhadores com baixa ou nenhuma escolarização e ficam quase sempre no anonimato, como se fossem invisíveis, quando, de fato, são, em grande parte, quer no campo, quer na cidade, os responsáveis diretos pelas construções e manutenção de moradias, pela produção de alimentos para a se a segurança alimentar de populações urbanas e rurais – pela fabricação de objetos manufaturados, apenas para citar algumas das possíveis atividades que desenvolvem, todas fundamentais para o nosso cotidiano (CABRAL, 2015, p. 40-41).

¹ Graduanda de Pedagogia do VII período. Bolsista da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e membro do Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa - GIELP (UFMA/CNPq).

² Graduanda de Pedagogia do VII período. Bolsista da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e membro do Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa - GIELP (UFMA/CNPq).

³ Graduanda de Pedagogia do VII período. Membro do Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa - GIELP (UFMA/CNPq).

⁴ Docente do Curso de Pedagogia e Coordenador do Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa - GIELP (UFMA/CNPq).



Concordamos com a autora, quando ela afirma que os meios de produção provêm do trabalho de pessoas que, em sua maioria, estão à margem da sociedade, em outras palavras, o objetivo pessoal para os estudos é nulo, tendo em vista que seu dia-a-dia é apenas para produzir.

Pode-se dizer que, Educação de Jovens e Adultos – EJA teve início no Brasil bem antes do império, com a chegada dos primeiros padres jesuítas, no ano de 1549 (CORTADA, 2013). De acordo com Santana et al (2012), o ensino de adultos começa a se desenvolvido no período colonial, momento esse em que os missionários religiosos exerciam uma ação educativa com adultos da época, destinados aos brancos e indígenas, educação essa que era baseada no estudo clássico, nas primeiras noções da religião católica (SANTANA et al, 2012, p. 3), ainda nesse contexto, a mulher era privada de educação, apenas se destinava aos afazeres do lar, não estando em ambientes públicos junto com os homens.

O que vemos é a história contada pela perspectiva masculina, uma vez que os homens detinham o conhecimento e, consequentemente, o poder para elaborar a trajetória da história. Wallter Benjamim já afirmava que era necessário conhecer o posicionamento das minorias, ou seja, aqueles que há séculos foram excluídos dos escritos oficiais. A história tradicional, escrita pelos homens, renegou a participação das minorias em sua formulação, excluindo escravos, negros, pobres e mulheres (SANTANNA, 2010, p. 1).

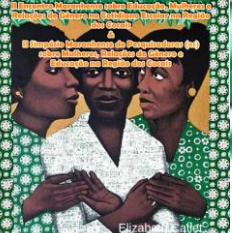
No entanto, no contexto colonial em que se encontrava o Brasil, a educação que era destinada a adultos não tinha o objetivo apenas de prover acesso à cultura, como afirma Moura (2003, p.26), “essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa.”. A mulheres deveria se submeter a alteridade reservada a elas, para que não ocorressem o risco de cair em desvios quais as deixariam mau vistas pela sociedade. Nas palavras de Almeida,

Havia, portanto, um padrão de comportamento que também era histórico. Sua regularidade e constância provinham desde os tempos coloniais, legítimos herdeiros de uma Metrópole que também mantinha essa perenidade de hábitos e costumes, reforçados insistentemente pela Igreja católica (ALMEIDA, 2013, p. 189).

Além de ter objetivos estratificadores, a educação, nesse contexto, também tinha outros fins, a catequização e a educação de acordo com as normas dos colonizadores portugueses, que necessitavam de mão de obra para a lavoura e atividades extrativistas, atividades desempenhadas para os homens, como afirma Cortada (2013, p. 9),

Nesse período, a economia, baseada na exportação de matéria-prima, necessitava muito do domínio de técnicas agrícolas e trabalhos manuais, sendo a escrita e a leitura de atividades voltadas à elite da população da metrópole. (...), inicialmente a alfabetização de adultos tinha como propósito, (...) a instrumentalização da população.

Desse modo, como se observa, não havia alguma razão para formar mulheres para o trabalho nesse contexto, não havia interesse de as mulheres e principalmente as mulheres negras ou indígenas



estudassem. Nesse sentido, devemos entender que a EJAI é uma modalidade do ensino que tenta ser a provedora de vozes, sobretudo em uma sociedade que entende que, a mulher, as diferentes mulheres, negra, indígena e não escolarizada, são entendidas do lado inferior de uma hierarquia em que o lado mais alto é habitadas por homens brancos e cultos.

A partir desse contexto, dada a importância da EJA, têm havido inúmeras pesquisas, incentivando debates e discussões em novos espaços, apontando a necessidade de expandir as fronteiras de democratização do ensino na sociedade brasileira. No município de Codó, há a aderência da EJAI⁵, pois a mesma tem por objetivo prover o ingresso ao estudo, em especial em sociedades em que a maioria das pessoas veem o estudo como uma melhores condições de trabalho. Quando a educação é buscada pela mulher, a mulher vê na educação um espaço de melhoria de seu papel social e uma chance de ser reconhecida na sociedade, mesmo aquelas que há muito tinham desistido desse objetivo. De qualquer modo, é importante atentar que “pouca importância foi dada àquelas que lutaram por uma sociedade mais justa, pelo desenvolvimento do país e pelo direito de serem tratadas, educadas e instruídas como seus companheiros e filhos” (SANTANNA, 2010, p. 1).

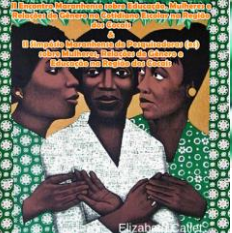
Por outro lado, com o desenvolvimento tecnológico, o avanço do capitalismo e as pretensões brasileiras de progresso exigiram a formação e capacitação da população para o desenvolvimento socioeconômico, e para tal a educação tornou-se fundamental, além da participação da mulher, passando a ser vista, segundo o ideário republicano, como formadora de pessoas, assim passando a uma visão de mulher educada, deixando a visão de inculta e de ignorante (SANTANNA, 2010). No entanto, é importante que a EJAI seja um espaço em que a conscientização da mulher ter outras funções, além de cuidar da casa e dos filhos, deve ser um papel preponderante.

Para entender o papel do EJAI na formação da conscientização das mulheres oriundas de grupos considerados de minoria, buscamos observar o perfil e os motivos pelos quais as mulheres da modalidade tem para voltar a estudar. Isso colabora para perceber o que as mulheres pensam e esperam da EJAI.

METODOLOGIA

Para a realização do trabalho, primeiramente realizamos uma pesquisa bibliográfica de autores que abordem sobre a temática, visando conhecer o perfil das estudantes do EJAI e suas experiências com a escola. Posteriormente, e concomitantemente, foi feita uma pesquisa de campo que buscou conhecer as estudantes. A Escola Remy Archer foi o local onde foi feita a pesquisa. A pesquisa se

⁵ A inclusão do “I” é uma forma de dar visibilidade aos Idosos que estão na sala de aula de Codó, pois o município é reconhecido a EJA por Educação de Jovens, Adultos e Idosos, desde 31 de dezembro de 2017, sendo aprovado pelo Conselho Municipal de Educação de Codó.



limita a penas a uma sala, que coincidentemente apenas é formada por mulheres, do primeiro segmento da EJA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para que houvesse a interação com a turma, como forma de conhecer as participantes, propomos uma apresentação com um pouco de história de vida, sendo que o foco principal é a primeira experiência na escola e a voltar a sala de aula. Assim, definimos com objetivos *conhecer um pouco sobre cada uma; desenvolver a argumentação oral no falar de si; valorizar e respeitar as experiências individuais*. Foi elaborado um pequeno roteiro de apresentação. Primeiramente, foram feitos os nossos relatos pessoais, e assim elas seguiriam se apresentando: *nome; ocupação; experiência escolar; qual o motivo de voltar a estudar*. A seguir, apresentamos alguns relatos, sem deixar de notar que, na apresentação de cada aluna, as histórias se repetiam, optamos por não expor de forma alguma as mulheres participantes, ocultando seus nomes.

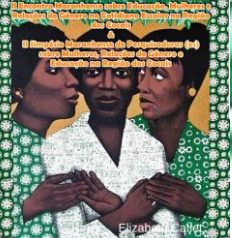
- **Ocupação:** *Dona de casa; cuidadora do lar; aposentada; vendedora autônoma* (fala das alunas, 2018);

Com este item, percebemos que as mulheres muitas vezes que se encontram em ambiente de escolarização exercem funções de ocupação doméstica, como vimos acima; à mulher sobra cuidar dos filhos, o que as leva a deixar de estudar, muito embora, existem algumas exceções. Quando perguntadas acerca de sua vivência com a escola, as mulheres mostram uma das faces do abandono escolar que é social e cultural entre as famílias dessas mulheres.

- *Eu tive a oportunidade de estudar, só que eu casei muito nova, com 13 anos, aí tive filhos, e parei de estudar e meu marido também não deixava, por que eu tinha que cuidar dos meus filhos e da casa;*
- *Eu morava no interior, e escola no interior antigamente era muito pouca sabe, aí, eu não estudei, porque as vezes ficava longe, eu casei e meu marido não deixou eu estudar, e tive filhos e tive cuidar deles e não dava de estudar*
- *Eu me casei muito nova, e não fui para a escola porque tive filhos e eu tinha que cuidar deles, e aí o tempo passou e não fui para a escola;*
- *Eu me casei muito nova, engravidei, e tive que cuidar dos meus filhos e meu marido não deixava;*

Neste item, é notória a expressão “*meu marido não deixava*”, mostrando rastros de uma sociedade altamente patriarcal; uma das principais causas do abandono escolar por mulheres é por causa da autoridade masculina de seus maridos, que, muitas vezes, também não foram a escola; outra expressão permanente é “*eu era muito nova*”, um indício de que essas mulheres eram proibidas de frequentar a escola pelas famílias. Superadas algumas dessas barreiras sociais, buscamos observar os elementos que fizeram com que elas voltassem a estudar.

- *Eu voltei a estudar, por que sente a necessidade de ajudar meus filhos com as tarefas de casa, porque assim, ele tinha atividades e como eu não sabia, apenas pegava o caderno e olhava, aí eu fui para escola, um escola aqui perto, e uma experiência quase me fez desistir, porque eu escrever no caderno virado, aí a professora perguntou quem mais tinha feito a tarefa, e disse para ninguém fazer do jeito que eu fiz, fique com medo de ir, até meu marido disse: o que tu que ir para escola aprender? Velho não aprende nada, bem feito. Então eu mudei de escola e hoje estou aqui e gosto muito da professora;*
- *Quando eu casei, comecei a estudar, só que eu era muito nova tinha uns 20 anos, e eu vinha da escola com uns amigos, e meu marido me proibiu porque ele tinha muito ciúmes, e aí eu tive filhos, e ele viajar*



para trabalhar, e um amigo minha disse, vai estudar ele nem vai saber, e eu vir, estudei um ano, e esse ano voltei de novo;

- *Eu vim estudar porque eu não sei de nada, aí eu falo as coisas erradas e umas pessoas me corrigem, e eu tenho vergonha, e eu vim aprender;*

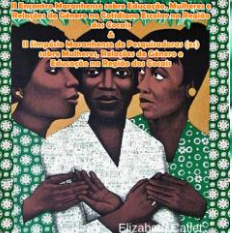
As falas das mulheres são entrecortadas por suas experiências e revelam muito da trajetória e do próprio papel da mulher dentro da sociedade da qual elas fazem parte. No entanto, mesmo com tantas barreiras, as mulheres da escola de onde foi feita a pesquisa, mostram-se resistentes, não aceitando a condição que a sociedade as impõe. É notório que o número de mulheres é maior nas salas da EJAI, por dois motivos, supomos: porque a mulher está mais propensa às mudanças e pela resistência dos homens em ser autossuficientes, próprio de uma sociedade altamente machista. Nesse mesmo sentido, o papel do homem na educação dessas mulheres ainda é invisível, muitas vezes, eles são um empecilho para elas. O modo como elas se enxergam também é flagrante. Flageladas por uma sociedade em que ter estudo é sinal de ter conhecimento, os dizeres são “eu não sei nada”, “eu sou burra”, “velho não aprende nada”. Essas máximas explicam muita coisa do porque essas mulheres tiveram que abandonar a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres encontram na EJAI uma forma de vencerem os desafios de uma educação negada a elas, em todas as falas podemos notar que há uma sensibilidade de escolhas, e o interesse é pessoal e altruísta de não prejudicar seus filhos. Todas parecem entender que educação é importante, muito embora possa ser conquistada depois. O sacrifício dessas mulheres em deixar o ambiente escolar para cuidar de casa mostra que a vontade e o interesse pessoal da mulher parece não ser algo importante, frente aos interesses do homem, que, geralmente, não faz a mesma coisa pela família. O EJAI é um retorno a esse sonho que foi abandonado e, para nós, é o lugar onde a luta pela valorização da mulher deve ter lugar primordial na agenda de conquista. O EJAI deve ser o lugar onde os grupos considerados como minorias devem busca a consciência de sua importância, além da aquisição do conhecimento, como bem entendia Paulo Freire (2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- CABRAL, Maria Regina Martins. Das redes aos espaços de aprendizagem: movimentos, políticos e ideias para a educação de jovens e adultos trabalhadores no Brasil e no Maranhão. In: ROSAR, Maria de Fatima Felix; HORA, Lícia Cristina Araújo da. **Trabalho & educação de jovens e adultos no Maranhão**. 1 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 31- 50.
- CORTADA, Silvana. **EJA – Educação de Jovens e Adultos e seus diferentes contextos**. Jundiaí, Paco Editorial: 2013.
- DE ALMEIDA, Jane Soares. As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940). **Educar em Revista**, v. 29, n. 48, p. 187-205, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- MOURA, Maria da Gloria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**/ Maria da Glória Carvalho Moura – Curitiba: Educarte, 2003.



SANTANA, SANTOS, SANTOS, ORQUIZ. EJA: breve análise da trajetória histórica e tendências de formação do educador de jovens e adultos. In: Fórum Internacional de Pedagogia: A pesquisa na graduação: Emancipação Humana, Práxis Docente, Trabalho e Educação. **Anais...** Campina Grande – PB, Realize, 2012.

SANTANNA, Adriene. A luta pelo direito à educação feminina e a inserção da mulher no magistério. In: VI Seminário Direitos Humanos no Século XXI e IV Encontro de Direitos Humanos da UNESP: Educação, Direitos Humanos e Exclusão. **Anais...** FFC/UNESP-Marília, 2010. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/direitos-humanos/encontro/editorial.htm>>. Acesso em: 29/09/2018.

